

MEGALOPOLIS (1)

«Sem dúvida a área pode ser considerada como o berço de uma ordem nova na organização de espaço habitado» (p. 9), segundo a afirmação de J. GOTTMANN, que parece constituir um repto lançado a toda a civilização moderna. Refere-se o autor à maior e mais espectacular concentração urbana do mundo, situada na costa atlântica do Nordeste dos E. U. A., desde o Sul de New Hampshire ao Norte de Virginia, desde o litoral ao sopé dos Apalaches, numa superfície total de 53.575 milhas quadradas, ou seja 1,8 p. 100 de todo o país. Para essa concentração de perto de 38 milhões de criaturas humanas (densidade de 700 hab./milha

(2) DAN STANISLAWSKI, «The Livelihood of the Ordinary People of the Portuguese Algarve» in STANLEY DIAMOND (ed.), *Culture in History, essays in honor of Paul Radin*. Columbia University Press.

(3) JOÃO BAPTISTA DA SILVA LOPES, *Corografia ou Memória Económica, Estatística e Topográfica do Reino do Algarve*. Lisboa, 1841.

(4) MARIANO FEIO, *Le Bas Alentejo et l'Algarve*. Livret-Guide de l'excursion E, Congrès International de Géographie. Lisboa, 1949.

(5) GAETANO FERRO, «Ricerche di Geografia Urbana nell'Algarve (Portogallo): Faro e Vila Real de Santo António» (*Annali di Ricerche e Studi di Geografia*, X, n.º 2), Genoa, 1954. «La Pesca nel Mare dell'Algarve» (*ibid.*, X, n.º 4), Genoa, 1954. «I Centri dell'Algarve Occidentale» (*ibid.*, XI, n.º 3), Genoa, 1955. *L'Algarve. Monografia regionale*. Genoa, 1956.

(1) J. GOTTMANN, *Megalopolis, The urbanized northeastern seaboard of the United States*. The Twentieth Century Fund, New York, 1961, 810 pp., 227 fig.

quadrada, contra 51 em todo o país), que corresponde sensivelmente às populações somadas de países como Portugal e Espanha, o autor procurou um nome que, como designação de lugar, fosse novo mas, como símbolo, reflectisse a longa tradição de aspirações humanas: MEGALÓPOLIS.

É difícil encontrar outro estudo científico tão rico de informação, de uma área tão complexa, com um número tão elevado de habitantes, que tenha o alto nível alcançado por esta obra de J. GOTTMANN. A ela dedicou 20 anos (ensinou na Universidade John Hopkins de Princeton e foi convidado do Institut for Advanced Study). Não escreveu um trabalho de Geografia urbana, nem de Geografia regional no sentido corrente, mas procurou sobretudo mostrar a génese e o funcionamento actual de um conjunto extremamente complexo. Para além destes aspectos procurou mesmo dar a prefiguração do futuro; para o autor o estudo de *Megalópolis* poderá ajudar a compreender, e talvez a orientar, a evolução do mundo que se prepara. Através de vários capítulos (*The Dynamics of Urbanization, The Revolution in Land Use, Earning a Living Intensely, Neighbors in Megalopolis*), numa linguagem atraente, J. GOTTMANN analisa as forças complexas que criaram *Megalópolis* e as suas implicações.

Cinco das maiores cidades do mundo, Boston, New York, Philadelphia, Baltimore, Washington, com as suas massas inconfundíveis de «arranha-céus», com os seus satélites, cada uma delas com mais de um milhão de habitantes, e uma dúzia de outras áreas metropolitanas com 200.000 a 800.000 habitantes, formam uma gigantesca conurbação como não há outra semelhante. Aí se concentram instrumentos de governação, a maioria dos grandes bancos, sociedades importantes, comércio, empresas editoriais, estações de rádio e de televisão, escolas, bibliotecas, salas de espectáculo. Daí são emanadas decisões políticas, administrativas, financeiras e culturais para todo o país, que muitas vezes se repercutem no resto do mundo. De tal modo que raramente o visitante estrangeiro se apercebe de que os E. U. A. são muito mais do que a feição particular de *Megalópolis* da orla atlântica.

O estudo do que seria o quadro natural, antes da colonização europeia, mostra como as condições físicas locais estão longe de serem excepcionalmente favoráveis. O relevo é bastante variado e os solos de qualidade superior são raros; o clima apresenta grande variação, entre os extremos de Verão quente e húmido de tipo tropical e um Inverno polar. Também as riquezas do subsolo estão longe de serem famosas. Porém, a faixa litoral oferece estuários profundos com portos abrigados de acesso fácil: passagens através de gargantas dos Apalaches e vias fluviais facilitaram as comunicações com o interior do continente e a colonização do Oeste. Rápidamente esta orla se transformou no limiar entre o Velho Mundo e o Novo Mundo, porta aberta para a navegação, o comércio e a imigração em massa.

No século XVII, os primeiros colonos anglo-saxões que aí desembarcaram, embora transportados ao serviço de empresas mercantis, levaram consigo um ideal de vida: a crença de terem sido escolhidos para uma missão de Deus, — a criação de uma humanidade melhor e livre! «Annuit Coeptis» e «Novus Ordo Seclorum» seriam as divisas

adoptadas para o brasão da nação americana, em 1702. Tal ideal só poderia ser realizado em comunidades fortemente agrupadas, que os padrões de vida urbana importados da velha Inglaterra tornariam possível. Os azares e os êxitos das guerras, o espírito cívico das classes dirigentes, as grandes riquezas do interior, valorizadas pelo avanço das estradas e da colonização, fizeram o resto. Nessa área da orla atlântica começou a emergir a nação; Washington, a capital federal, foi aí construída. As grandes instituições financeiras de Manhattan dirigem não só a economia dos E. U. A. como de todo o mundo. Centros de cultura famosos como as Universidades de Harvard, de Yale, de Princeton, museus como o Metropolitan Museum of Art, o Philadelphia Art Museum, ficam na área de *Megalópolis*. Nela se encontra a maior concentração de grandes bibliotecas do mundo, com mais de 100 milhões de volumes (um terço do total de todo o país).

O enorme conjunto de cidades, das quais as mais antigas nasceram entre 1625 e 1650, constituiu-se a pouco e pouco, numa estrutura em nebulosa, em que os espaços intercalares foram sendo preenchidos pela criação de sistemas continuos de áreas metropolitanas contíguas. A separação entre cidade e campo tornou-se assim difícil; o campo aparece profundamente modificado pela extensão daquela. Na realidade tem-se uma região urbanizada, onde a vida rural e a vida urbana formam uma simbiose. A vida agrícola não desapareceu mas está transformada numa agricultura de arredores de centros urbanos, praticada por senhores «who are farmers because they are indeed gentlemen» (p. 231), perfeitos conhecedores das evoluções dos mercados, que assim orientam a exploração da terra por métodos altamente industrializados e em obediência a regras organizadas por grandes firmas e autoridades públicas. Destinam-se os produtos a abastecer uma população elevada e rica, porque e a ela correspondem os maiores rendimentos *per capita*. Uma boa parte do espaço de *Megalópolis* está ocupado por indústrias que ainda desempenham papel importante na sua prosperidade. Mas um dos traços característicos da utilização do solo é, sem dúvida, a parte reservada a casas e estações de veraneio para os cidadãos — «summer pastures for the city folks» (p. 33), como lhes chama o autor.

Rivalidades e especialização entre as cidades de *Megalópolis* levaram ao «intense living and working» (p. 448), mesmo para os padrões americanos, de uma sociedade que, embora altamente diversificada, pode funcionar como uma comunidade bem organizada. O nível de vida é o mais elevado (em 1956, o rendimento médio *per capita* era de cerca de \$2.400, contra \$1.900 para todo o país); é cada vez maior o número de pessoas com oportunidade de viver e trabalhar no ambiente urbano, ao mesmo tempo que maior quantidade de produtos agrícolas são obtidos com menos mão-de-obra. Se o sector primário está em forte minoria, o sector secundário tende a ceder lugar ao terciário, o que não é difícil de conceber nesse meio onde o comércio está na origem da riqueza. Mas o autor não se contenta com esta divisão ternária e chama a atenção para um quarto sector, que ocupa percentagens cada vez maiores: o dos *white collars* (pessoal de administração; profissões liberais; serviços; ensino e arte,

fortemente concentrados na *city*), que ultrapassa e se opõe ao dos *blue collars* (operários de indústria). Esta revolução dos *white collars*, marcando o domínio dos centros de consumo maciço e emanadores de decisões, é uma das melhores características de *Megalópolis*, com a sua concentração de poder e de capital.

Megalópolis beneficiou de circunstâncias favoráveis: localização geográfica, imigração em massa, recursos abundantes, oportunidades económicas oferecidas à massa sempre crescente de população, desenvolvimento comercial, industrialização, mecanização, tudo em larga escala, no quadro de uma civilização urbana desde o princípio destinada a um progresso incessante. Para GOTTMANN, «uma análise dos problemas desta região dá muitas vezes a sensação de se admirar a alvorada de uma nova fase da civilização humana» (p. 9).

Será esta a fórmula do futuro? As regiões urbanizadas da Europa, cada vez mais numerosas, deverão imitar esses padrões e caminhar para um processo de «megalopolização»? E *Megalópolis* poderia sobreviver de outra maneira que não fosse a de permanecer fiel às suas tradições, ao entusiasmo, à vontade de crescimento que fizeram a sua fortuna?

Há menos de um século, os autores opunham a vida sã e laboriosa dos campos à vida das cidades, nefasta para a saúde, de ar poluído, ruídos incessantes, alimentação defeituosa, promiscuidades deploráveis, segregação racial e social injustificáveis, etc. Mas, ao lermos *Megalópolis*, ficamos com a ideia de que nem sempre os tentáculos das cidades destroem a beleza das paisagens nem arruinam a saúde dos seus habitantes. A volta das cidades de *Megalópolis* acumula-se a população mais evoluída, melhor alojada, melhor alimentada, mais bem dotada de serviços, mais rica do mundo. Isso só pode significar que a vida é favorável a essas condições.

Visão optimista, como de resto o próprio autor admite, porque nem todas as cidades, nem todas as áreas poderão aspirar a esse ideal. Nos bairros antigos de New York, como em Londres ou em Paris, subsistem as manchas de prédios decadentes, habitados por gente de miséria difícil de suprimir. O contraste entre ricos e pobres é, com frequência, chocante; a discriminação racial, ou social, é um facto; nos arredores alastram os «bairros de lata». É preciso ainda contar com a inércia dos poderes públicos, com as dificuldades financeiras e o egoísmo dos interesses privados entre outros obstáculos consideráveis.

O livro de GOTTMANN, escrito com talento, entusiasmo e finura, é, além de tudo, uma mensagem de perspectivas sedutoras.

A obra teve tal êxito nos E. U. A. que, para melhor difusão entre o público menos cultivado, WOLF VON ECKARDT preparou um sumário dos aspectos fundamentais do livro, publicado em 1964 com o título *The Challenge of Megalopolis (A graphic presentation of the urbanized northeastern seaboard of the United States)*, de 126 páginas e profusamente ilustrado.

Também em França se fizeram sentir as ideias de GOTTMANN sobre o processo de «megalopolização». Das Presses Universitaires de France saía, em 1964, uma publicação do Centre d'Études Prospectives, Pros-

pective n.º 11 — *L'Urbanisation*, com artigos de vários especialistas da matéria. Na p. 7 da «Introdução», escrita por PIERRE MASSÉ, pode ler-se: «Este caderno deve a Gaston Berger o espírito que o anima e a ocasião que o fez nascer, essa noite de Novembro de 1960 em que uma conferência de Jean Gottmann sobre *Megalópolis* agiu como um revelador nos espíritos predispostos a acolhê-la». Em torno de um problema que nunca tinha sido abordado em toda a complexidade, o autor criou um método de investigação destinado a resultados fecundos.

ILÍDIO DO AMARAL